

VIRUS

26

O DEBATE DECOLONIAL TERRITÓRIOS

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH

REVISTA . JOURNAL

ISSN 2175-974X

CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOMADS.USP

WWW.NOMADS.USP.BR/VIRUS

DEZEMBRO 2023

NOMADS
USP

IA
URB

USP

VI 26

O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES

EDITORIAL

- 001 O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS
THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, THAMYRES REIS, ISABELLA CAVALCANTI, CAIO MUNIZ

ENTREVISTA

- 004 UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR INSUFICIÊNCIAS
A DECOLONIAL PERSPECTIVE TO OVERCOME INSUFFICIENCIES
UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR LAS INSUFICIENCIAS
FERNANDO LUIZ LARA

ÁGORA

- 012 LA DIMENSIÓN ESPACIAL DE LA COLONIALIDAD: UNA PROPUESTA INTERPRETATIVA Y OTRAS VOCES IGNORADAS
THE SPATIAL DIMENSION OF COLONIALITY: AN INTERPRETATIVE PROPOSAL AND OTHER IGNORED VOICES
YASSER FARRÉS DELGADO
- 029 ÀS VEZES É FEIO, MAS TÁ NA MODA! POTÊNCIAS, ADIÇÕES E LIMITES DECOLONIAIS
SOMETIMES IT'S UGLY, BUT FASHIONABLE! DECOLONIAL POWERS, ADDITIONS, AND LIMITS
LEO NAME, TEREZA SPYER
- 041 HACIA UNA ONTOLOGÍA POLÍTICA DEL BUEN VIVIR URBANO
TOWARD A POLITICAL ONTOLOGY OF URBAN BUEN VIVIR
PILAR MARIN, ALDO ALOR, ISRAEL ORREGO-ECHEVERRÍA
- 050 A POÉTICA DA RELAÇÃO E AS CIDADES: PERSPECTIVA PARA UMA URBANÍSTICA DECOLONIAL
THE POETICS OF RELATION AND CITIES: PERSPECTIVE FOR A DECOLONIAL URBANISM
CARLOS HENRIQUE MAGALHÃES DE LIMA
- 059 FOSS, CARTOGRAFÍA, COLONIALISMO Y SOBERANÍA EN PARAGUAY Y EL SUR GLOBAL
FOSS, CARTOGRAPHY, COLONIALISM AND SOVEREIGNTY IN PARAGUAY AND THE GLOBAL SOUTH
JUAN CRISTALDO, GUILLERMO BRITZ, SILVIA ARÉVALOS, LISSANDRY RODRIGUEZ
- 087 A PAISAGEM NA CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER: O NHANDEREKO NA CAPITAL PAULISTA
THE LANDSCAPE IN THE CONSTRUCTION OF GOOD LIVING: THE NHANDEREKO IN SAO PAULO STATE CAPITAL
LUCAS BUENO, FÁBIO GONÇALVES

- 102 ABORDAGENS DECOLONIAIS PARA PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO
DECOLONIAL APPROACHES TO RESEARCH IN URBAN PLANNING
FABIANA SILVA, CINTIA ALVES, ISABELA SANTOS
- 118 EXPERIÊNCIA NO ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO E A CIVILIZAÇÃO NUA DA AMÉRICA DO SUL
EXPERIENCE ON THE ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO AND THE SOUTH AMERICAN NAKED CIVILIZATION
LEONARDO NOVO, LEONARDO SOUZA
- 127 1984: COLONIALISMO E DISTOPIA
1984: COLONIALISM AND DYSTOPIA
PAULA ALBUQUERQUE
- 136 PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN
PROSPECTING ANTI-COLONIAL QUALITIES IN DESIGN EDUCATION
MARCO MAZZAROTTO, FREDERICK VAN AMSTEL, BIBIANA SERPA, SÂMIA SILVA

PROJETO

- 146 RUMO A UM DESENHO URBANO GENUINAMENTE LATINO
TOWARDS A LATIN-BASED URBAN DESIGN
CARLOS COSTA, CARLOS NOME

UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR INSUFICIÊNCIAS
A DECOLONIAL PERSPECTIVE TO OVERCOME INSUFFICIENCIES
UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR LAS INSUFICIENCIAS
FERNANDO LARA

Fernando Luiz Lara é Arquiteto, Mestre em Estudos Literários e Doutor em Arquitetura. É professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, e tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projetos da Edificação. Atua nos seguintes temas: Arquitetura Moderna Brasileira, Projeto Arquitetônico, Ensino de Arquitetura, Modernismo Popular e Estudos Decoloniais. fernandoluizlara@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0377551611501503>

ENTREVISTA REALIZADA EM 6 DE DEZEMBRO DE 2023

Como citar esse texto: Lara, F. L. (2023). Uma perspectiva decolonial para superar insuficiências. *VIRUS*, 26, 4-11. <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/892>

Marcelo Tramontano: O debate decolonial tem ganhado força em vários âmbitos e não apenas na academia, em um momento histórico em que a ideia de um mundo multipolar também parece ser mais possível. No meio acadêmico, trata-se ainda de um tema controverso, sobre o qual as opiniões variam em um amplo espectro. Como você vê esse interesse pelo debate decolonial no momento atual?

Fernando Lara: Vou falar um pouco da minha trajetória, de como eu cheguei a esse debate. Há dezoito anos atrás, em 2005, eu voltei para os Estados Unidos como professor na University of Michigan. Na época, eu estava preparando um livro derivado da minha tese de doutorado e me incomodava a concentração geográfica no Atlântico Norte dos exemplos canônicos de história da arquitetura moderna do século XX. Desenhei um mapa (Fig. 1) baseado nos livros mais importantes de ensino da arquitetura moderna, em inglês: o livro do Kenneth Frampton, o livro do Jean-Louis Cohen, que havia sido publicado naquele ano, o livro do William Curtis e o livro do Spiro Kostof, que é muito utilizado nos Estados Unidos. Spiro Kostof abarca cinco mil anos de urbanização no mundo, mas eu usei apenas os capítulos sobre o século XX.

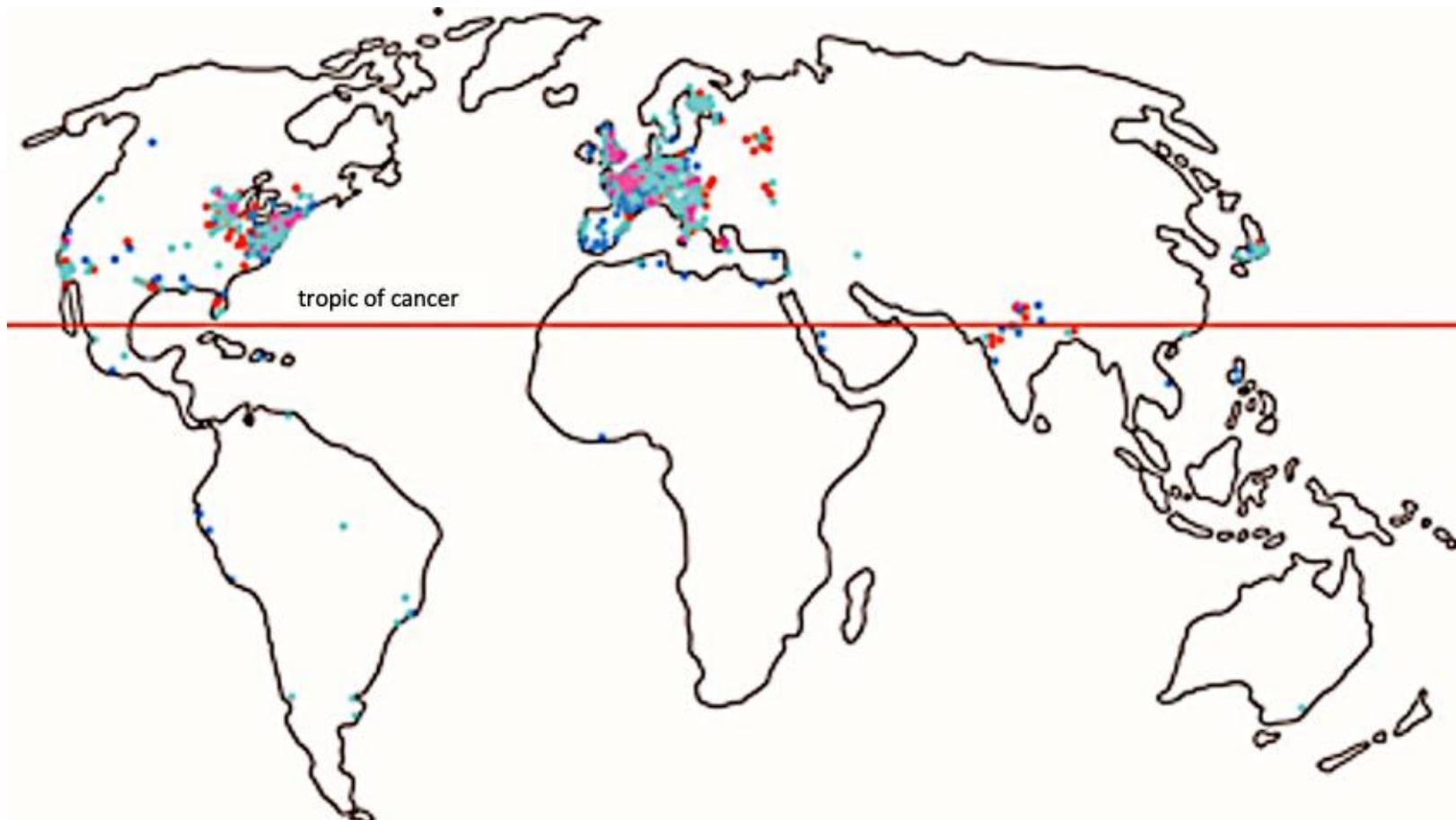


Fig. 1: Mapa mencionado por Fernando Lara. Fonte: F. Lara, 2005.

Com um pontinho no mapa, eu marquei cada edifício mencionado nesses livros. Vi que a concentração deles no Atlântico Norte era gigantesca. Por exemplo, em relação à Cortina de Ferro, podia-se ver claramente uma concentração, na Áustria e na Alemanha, próxima à fronteira com a Tchecoslováquia, mas os livros ignoravam as manifestações da Tchecoslováquia, da Hungria e da Rússia porque estavam do outro lado dessa fronteira geopolítica, criada após a Segunda Guerra. Cinco anos depois, comecei a escrever o livro "Arquitetura Moderna na América Latina" [*Modern Architecture in Latin America*], publicado em 2015 mas escrito desde 2010, já tendo, como pano de fundo das minhas reflexões, aquelas constatações do mapa. Eu me perguntava como seria possível construir um discurso para entender a arquitetura da América Latina e como deveria ser esse discurso.

Ao tentar escrever a introdução e a conclusão do livro, onde trabalhávamos conceitos um pouco externos à arquitetura, eu comecei a ler autores que pensavam a América Latina. Foi nesse momento que descobri o grupo Modernidade/Colonialidade,

que se consolidou nos Estados Unidos, na Duke University e na University of North Carolina, com Walter Mignolo, Arturo Escobar e Enrique Dussel. Esse grupo foi muito produtivo nos últimos anos do século XX e nos primeiros anos do século XXI. Nessa literatura, eu encontrei uma série de chaves importantes, em especial lendo Aníbal Quijano, um economista peruano que trabalhou na CEPAL [Comissão Econômica para a América Latina e Caribe]. Ele escreveu um texto fundamental, em 1992, o ano da celebração dos 500 anos da chegada de Colombo às Américas, contrapondo-se à ideia de que as Américas participaram do desenvolvimento do capitalismo moderno. Na opinião de Quijano, não existiria capitalismo moderno se não fosse pela ocupação europeia das Américas. Isto é muito forte.

A leitura de trabalhos de Arturo Escobar foi outra revelação. Escobar escreveu sua tese de doutorado e a publicou por volta de 1995, a qual eu li quase vinte anos depois, entre 2013 e 2014. Ele amarra muito bem a questão de que modernização e colonização são duas faces da mesma moeda, inseparáveis, são uma coisa só: toda modernidade implica uma colonialidade. Com estes dois principais axiomas, eu fui forçado a rever a nossa própria historiografia, o modo como entendemos a arquitetura latino-americana. Fiz um mergulho nessa literatura, que inclui Ramón Grosfoguel, Gloria Anzaldúa, Denise Ferreira da Silva, entre outros, para entender a relação entre modernidade e colonialidade.

Isso foi um divisor de águas para mim porque eu fui formado no DOCOMOMO [Comitê Internacional para a Documentação e Conservação de edifícios, sítios e unidades de vizinhanças do Movimento Moderno], na exaltação do Moderno, esse projeto nacional que, no Brasil, se articula com Lúcio Costa, no governo Vargas, atravessa os anos do governo Kubitschek e chega até os anos do governo Dilma. De repente, eu percebia vários graus de colonialidade imersos em todo esse processo. Há muita literatura sobre isso, como o livro da Lorraine Leu sobre o que significou o desmonte do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, no início do século XX. O edifício mais importante da arquitetura moderna brasileira, o Ministério da Educação e Saúde, está ali, construído sobre os restos de um morro desmanchado, no qual vivia uma comunidade afro-brasileira que foi expulsa. O próprio projeto da minha cidade natal, Belo Horizonte, é um projeto colonial expansionista que, em inglês, chamam de *settler colonialism*. Eu cresci com a ideia de que a história de Minas Gerais começava em 1697, no início da exploração do ouro, mas já havia gente morando lá há quatro mil anos. Onde está essa história? Ela desapareceu. Foi, portanto, através dessas indagações e descobertas que cheguei ao debate decolonial.

O que mais me agrada nesse debate e mantém meu interesse em ler mais, escrever mais e continuar debatendo é que a grande maioria de suas ideias e conceitos nascem na América do Sul. Há alguns intelectuais mexicanos e porto-riquenhos, mas se trata de um pensamento sul-americano. Tenho encontrado em colegas de uma geração mais velha, que se formaram dentro das ideias marxistas, uma enorme resistência a esse discurso. Eles argumentam que a questão da raça é um exagero, uma moda norte-americana, ou, como me disse Jorge Liernur no ano passado, em um seminário no México, que o debate decolonial é uma imposição da academia norte-americana e, portanto, mais uma colonização intelectual. Minha resposta é que esta compreensão pode até estar correta, porque a academia norte-americana lidera esse debate, mas não só ela. Há um pensamento africano se articulando, um pensamento asiático, que conhecemos pouco. Já encontrei pessoas da Singapura e da China que estão discutindo modos de explicar o mundo do ponto de vista da Ásia que, seguramente, não é o ponto de vista europeu. E há também o importante fato de que grande parte dos pensadores desse tema são sul-americanos, como Enrique Dussel, Arturo Escobar, Walter Mignolo, Gloria Anzaldúa e Ramón Grosfoguel, que é porto-riquenho. Vejo nisso algo que vem de uma experiência espacial da América do Sul.

Nesse processo, também decidi não mais falar de especificidades e excepcionalidades latino-americanas, porque eu não reconheço o Rio Grande e o Rio Bravo como uma divisão entre duas Américas. A história espacial das Américas, da ocupação europeia dos espaços e do holocausto ameríndio, é a mesma em todo o continente. Nós sobrevivemos a uma pandemia cuja letalidade variava entre 1 e 2 por cento. Imagine o que foi o genocídio dos povos originários, no século XVI, com uma letalidade que chegou a 90 por cento em alguns grupos das Américas, e o trauma que ele gerou. A ideia colonial de aprisionar pessoas na África e trazê-las à força para cá, para substituir a mão de obra que morreu nas pandemias do século XVI, também é similar. Toda essa história é muito parecida. A ocupação e a exploração territorial são muito parecidas, do Chile ao Canadá. Então, meu interesse é pensar as Américas, e esta é outra atitude que enfrenta resistências. Sim, existem muitas especificidades

latino-americanas e regionais: os países andinos, onde a presença das populações originárias ainda é forte, os países da Bacia do Prata, como o Paraguai, com a língua Guarani, o Caribe, com sua história também peculiar. De fato, as histórias são localizadas, mas guardam muitas semelhanças que ainda não foram devidamente trabalhadas.

No momento atual, interesse-me em pensar conceitos americanos para discutir essas arquiteturas. Os conceitos europeus são fundamentais, mas insuficientes. E eu quero trabalhar sobre essas insuficiências e sobre os conceitos que precisamos desenvolver para entender a nossa própria arquitetura. No geral, eu vejo o debate decolonial na arquitetura como uma oportunidade de embaralhar as cartas e distribuí-las de novo. As cartas estão dadas há trezentos anos, mas temos agora a oportunidade de embaralhá-las. Acabamos de editar um número da revista DeArq, da Colômbia, que chamamos de *Barajar el canon*, um conceito do meu colega Fernando Martínez Nespral, de Buenos Aires, que designa a ideia de embaralhar as cartas e distribuí-las de novo, reagindo ao jogo de cartas marcadas que estamos jogando há tanto tempo.

Marcelo Tramontano: Na verdade, a atualidade desse debate, como você mencionou há pouco, se coloca de modo transversal no mundo, especialmente em função da ascensão da China, um país do Sul, na atual disputa por várias hegemonias com as grandes potências do Norte: hegemonia tecnológica, científica, cultural, política, etc.. O debate chega, portanto, a todas as áreas do conhecimento e, no nosso caso, à área de Arquitetura e Urbanismo. Podemos ter resistências e reticências, mas questões como as que você menciona precisam, sim, ser discutidas e encaradas.

Você também mencionou o modelo moderno de arquitetura, formulado como um meio de dominação que ilustra com clareza a espacialização da noção de colonialidade do poder, através de modos específicos de se pensar o espaço, sistemas construtivos hegemônicos, formas preferenciais e escolhas programáticas. Estes elementos se apresentam, desde Adolf Loos, como uma espécie de oposição culta e civilizada às arquiteturas consideradas bárbaras do resto do mundo e dos povos do Sul. No entanto, ao ser universalizado e imposto em escala planetária, este modelo também foi apreendido, retrabalhado e assumido, por diferentes povos, como expressões de sua própria cultura. Como você vê esse fenômeno?

Fernando Lara: Eu vejo isso de duas maneiras. Uma delas é muito positiva. O lado lindo da obra de Oscar Niemeyer é o que ele conseguiu colocar de Brasil, ou do Rio de Janeiro, em sua arquitetura. Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas fizeram a mesma coisa em São Paulo. Todos fizeram uma leitura do lugar onde estavam e produziram uma arquitetura absolutamente exuberante, maravilhosa e inovadora, em alguns casos genial. A sede do Partido Comunista Francês, que Niemeyer projetou em Paris, é genial. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, do Artigas, e os edifícios do Paulo Mendes da Rocha, principalmente o Clube Paulistano, têm uma arquitetura absolutamente genial. Mas junto com essa brasilidade que eles leram, tem uma outra brasilidade que também se encontra no âmago dessa arquitetura. Trata-se do fato de ela ter sido produzida com fôrmas para o concreto feitas em madeira de desmatamento, o fato de que a armação metálica e o cimento foram carregados nos ombros de homens mulatos que nunca tiveram chance de desfrutar dessa modernidade, ou muito pouco. Uma outra grande invenção brasileira, que é o Sistema Unificado de Saúde, que proporciona acesso universal e gratuito a todos aqueles que vivem no Brasil, só foi criado algumas décadas depois desse período entre os anos 1940 e os anos 1970, quando foram produzidas essas grandes construções. Imagine a quantidade de operários inválidos, mortos ou sofrendo o resto da vida porque não tinham acesso a um sistema de saúde, a tratamento médico e hospitais. Não havia um cuidado com essa parcela importante que integrava e integra o processo de construção. Muitos operários morreram ou perderam membros do corpo, em um processo que está ligado à questão ecológica, relacionada ao desmatamento e, de modo geral, à exploração dos recursos naturais e humanos.

Na Bienal de Arquitetura de São Paulo de 2019, apresentei um projeto no Centro Cultural São Paulo que desenvolvi com os meus alunos (Fig. 2). Eu estava muito impactado pelo desastre de Mariana e, no mês da Bienal, aconteceu o desastre de Brumadinho, que matou muito mais gente. O que apresentamos era parte do trabalho de atelier que havíamos desenvolvido na Universidade do Texas em Austin, onde eu era professor, na época. Pedi aos alunos que construíssem o modelo digital 3D de vários edifícios paradigmáticos da Arquitetura brasileira e quantificassem os elementos químicos e minerais contidos em cada um. Eles calcularam a quantidade de ferro, de alumínio, de cálcio e outros elementos. Depois, fizemos o trabalho reverso,

calculando o tamanho do rombo provocado no meio natural por aquelas obras. Cada um dos edifícios gerou um rombo: na mina de ferro, na mina de alumínio, no desmatamento, na mina de calcário. Por fim, sobrepusemos o tamanho dos rombos à dimensão do desastre de Mariana e um impacto socioeconômico. Gera mais valia, gera valorização ou desvalorização de áreas. Enfrentar esse problema faz parte da responsabilidade da arquitetura.



Fig. 2: Painel apresentado na XII Bial de Arquitetura de São Paulo. Fonte: F. Lara, 2019.

Aqui nos Estados Unidos, há um movimento muito forte para se trabalhar a questão laboral dos arquitetos. Ele parte do entendimento de que o arquiteto não é um artista criador que tem a sua genialidade reconhecida pelos mecenas. Arquiteto é um funcionário que precisa de ter sindicato, limitação de horas semanais de trabalho, salário mínimo, o que não é a norma nos Estados Unidos. As escolas vendem muito bem aos alunos a ilusão de que todos serão grandes arquitetos famosos e, um dia, terão um escritório enorme, alicerçado na exploração de outros jovens que virão depois. Este debate está sendo muito central aqui. Acho que, no Brasil, entende-se um pouco melhor a estrutura socioeconômica em que a arquitetura se insere. Os arquitetos, principalmente aqueles formados nas boas escolas públicas, entendem como é a inserção econômica da arquitetura e o que ela significa para a profissão.

Estas são questões contemporâneas que nos levam a reavaliar as arquiteturas modernas. O racismo de Lúcio Costa e Le Corbusier, como demonstrou o livro de Fabiola López-Durán, as inúmeras histórias de assédio atribuídas a Oscar Niemeyer, por exemplo. Como pôr isso na balança? É preciso separá-las da obra deles? Ou não? É possível continuar vendo da mesma maneira a obra de Woody Allen, cineasta norte-americano, depois que você sabe da relação dele com a filha adotada? Eu acho que não. Meu colega Christopher Long escreveu um livro sobre o processo por estupro que sofreu Adolf Loos, baseando-se em testemunhos do próprio arquiteto e da moça que o acusou. Não é possível ver a obra dele do mesmo jeito depois de ler o livro. Não se pode separar a obra do seu criador. Até porque o campo da Arquitetura faz questão de não separar. Ao olhar um edifício, dizemos que "este é um Niemeyer" e não que "este é um edifício desenhado por Niemeyer, detalhado pela sua equipe, orçado pela equipe de uma construtora, construído por trezentas pessoas e pago por alguém". Não temos os créditos completos no final do filme, apenas juntamos a obra com o seu criador. E quando se derruba o criador, o que fazemos com a obra? Acho que esta é uma pergunta central a ser discutida, como consequência do movimento decolonial e das lutas identitárias. Temos que buscar outros modos de avaliar e discutir arquitetura, porque esses modos do século XX, de novo, são insuficientes.

Marcelo Tramontano: Essa arquitetura, que você tão bem problematiza, corresponde ao modelo apresentado aos alunos que ingressam no primeiro ano dos cursos de arquitetura no Brasil, da América Latina e talvez de todo o mundo como o modelo ideal, como a arquitetura que se deve ter como parâmetro de qualidade e, de certa forma, procurar atingir. No Brasil, muitos alunos entram na universidade por cotas raciais, sociais e destinadas a povos originários,

como você sabe. Eles pertencem, muitas vezes, a comunidades periféricas onde predominam descendentes dos grupos e povos que mais foram subalternizados no processo de colonização, e que sofreram e ainda sofrem os efeitos da perpetuação da colonialidade. Isto significa que o caráter hegemônico desse modelo de arquitetura e sua apresentação aos alunos como paradigma induziria a um apagamento das referências que cada um traz consigo. Como poderíamos promover novas leituras do processo de ensino e aprendizagem de arquitetura de uma perspectiva decolonial?

Fernando Lara: Nos meus textos dos últimos três anos, eu tenho me debruçado sobre um processo que chamo de abstração espacial. Por que eu tenho me dedicado a estudar este processo? Porque ele foi sistematizado no século XVI, ao mesmo tempo em que os europeus consolidavam seu domínio sobre as Américas. Mais uma vez, seguindo a estrela guia – para usar uma metáfora cristã – de Arturo Escobar, Aníbal Quijano e Enrique Dussel, não existe separação entre o processo de colonização dos territórios americanos e o processo de sistematização das ferramentas de arquitetura, que é um processo de abstração e distanciamento. Na época de Leon Battista Alberti ou de Filippo Brunelleschi, estavam-se pensando ferramentas de desenho com base em todo o conhecimento da época – conhecimento islâmico, da antiguidade italiana – e criaram-se ferramentas de aceleração ou aprimoração do pensamento arquitetônico. Os arquitetos da época estavam permanentemente no canteiro de obras. O distanciamento entre os arquitetos e o canteiro inicia-se na Florença do século XV, mas é sistematizado no século XVI pelos grandes tratados que começam com Sebastiano Serlio, passam por Andrea Palladio e vão até Giacomo Vignola. Trata-se de um processo de tomar distância, que separa o arquiteto do que está sendo construído, e corresponde ao que René Descartes sistematizou em 1605: a separação entre mente e espaço, entre a mente e o resto. Nós impomos esse processo de abstração aos estudantes de arquitetura desde então. Desde o século XVII, a imposição desse processo gera justamente o que você acabou de colocar. Isto aconteceu comigo. Na minha família não havia arquitetos. Eu não venho de uma família que tivesse esse capital social da elite, tanto que, depois de formado, não tive clientes que me permitissem realizar as obras que, quando estudante, eu imaginava que deveria fazer.

Tal processo de distanciamento é imposto aos alunos já no primeiro ano do curso. É dito a eles mais ou menos o seguinte: "esqueçam a sua experiência espacial pregressa, esqueçam de onde vocês viveram os seus primeiros 18 anos de vida e toda a sua experiência de espaço. Nós vamos ensinar a vocês, a partir do zero, o que é uma parede, o que é uma janela, o que é um lugar de dormir, o que é um lugar de comer". Este é um processo clássico de modernização, um processo de colonização das mentes dos alunos com a premissa de trazê-los à modernidade. Como romper com isso é o xis da questão. Como resgatar conhecimentos que eu chamo de relacionais, não abstratos? Afetos, histórias... Como trazer de volta para a prancheta ou o computador a história dos lugares, de quem morou e viveu neles? Como entender esses espaços? Porque o treinamento moderno é um processo de distanciamento desses afetos, histórias e relações para poder manipulá-los, trabalhando ao bel prazer de quem nos paga. Isto está bem claro para mim, mas não sei como resgatar esses conhecimentos. Fico tentando descobrir maneiras em pensadores que habitam cidades que sobreviveram à modernização, sejam de matriz africana, matriz indígena, matriz árabe ou matriz asiática. Existem, nessas referências, conhecimentos que não estamos sabendo trazer para o projeto de arquitetura, e acho que esses conhecimentos são chaves para superarmos a crise que estamos vivendo, na qual o desenho já não funciona. Não funciona para a crise social e nem para a crise climática. Temos que buscar outras ferramentas e outras molduras teóricas para conseguir avançar nessa questão.

Eu penso que a obra dos arquitetos modernos sensíveis a esses outros conhecimentos é muito mais interessante. Estou pensando na Lina Bo Bardi, que tinha uma sensibilidade enorme para questões do canteiro e que, deliberadamente, negava o distanciamento. Lina não desenhava, ou desenhava muito pouco, mas permanecia no canteiro. Penso também no Lelé – o arquiteto João Filgueiras Lima –, que entendeu que a arquitetura é feita pelas centenas de operários que estão no canteiro e passou a desenhar pensando no processo, no que dois homens conseguem carregar em termos de componentes pré-fabricados, por exemplo. Eu acho que os arquitetos que entenderam essas coisas foram mais bem-sucedidos e sua obra me parece mais interessante.

Marcelo Tramontano: Ouvindo você falar, lembrei-me de que Lina teve também uma contribuição importante na esfera cultural, e não apenas no pensamento arquitetônico e construtivo. Lembrei-me da exposição Nordeste, que ela

organizou no Solar do Unhão, em Salvador, inaugurando o Museu de Arte Popular, onde denunciava os séculos de subalternização e apagamento sofrido pela população afrodescendente na região, e resgatava a sua produção artística. Lina, Lelé, Eládio Dieste, Severiano Porto são modernos radicais cuja obra e pensamento precisam ser permanentemente discutidos com os estudantes de arquitetura.

Na sua interlocução com diferentes escolas e pares na América Latina, que lugar lhe parece estar sendo dado ao pensamento decolonial no ensino de arquitetura e urbanismo? De que modo e em que medida este debate tem – ou não tem – se realizado nas escolas da região? Você tem conhecimento de experiências exitosas, de lugares onde essas ideias têm florescido?

Fernando Lara: A Argentina ocupa uma centralidade importante nesse debate desde Marina Waisman, em Córdoba, nos anos 1980 e 1990, e agora com Fernando Martínez Nespral. A Argentina abriga um polo de discussão. Estou pensando na exposição que Andrea Giunta e Agustín Pérez Rubio realizaram no Malba, o Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, que é o museu de arte moderna mais importante da América Latina. Os dois curadores reorganizaram a coleção do Malba a partir de critérios latino-americanos, em uma exposição que se chamava Verboamérica e que durou um ano e meio. O Malba já voltou a expor as obras de acordo com critérios europeus, mas durante um ano e meio elas estavam expostas segundo critérios latino-americanos. Artistas que nunca estiveram lado a lado, estavam na mesma sala. Obras de León Ferrari e de Di Cavalcanti, por exemplo, dispostas lado a lado para se discutir religiosidade. No México, são poucas as pessoas que estão trabalhando estas questões. O Chile tem um histórico de um pensamento arquitetônico muito forte e muito diverso também. A Universidade Católica do Chile, com um ensino mais voltado à forma e à tectônica, a Universidade do Chile, com um pensamento mais socialista, que se parece mais com o ensino nas universidades públicas brasileiras, e a Universidade Católica de Valparaíso, uma escola bastante fechada em si mesma, com várias experiências fantásticas, mas muito isolada.

Do Chile, sai uma experiência da qual eu sou absolutamente fã, e sigo acompanhando e vendo resultados surpreendentes: a Escola de Talca. Juan Román, que é o diretor da escola, fundou-a há uns quinze anos. É uma escola pública pequena, em uma cidade agrícola igualmente pequena e pobre, com vinhedos e uma tradição de extração de madeira para a indústria moveleira. Juan veio da escola de Valparaíso, trazendo para Talca a metodologia de Valparaíso e suas várias inovações interessantes, para criar a Escola de Talca. Os primeiros dois anos do curso são bem tradicionais, com cursos básicos de desenho, construção, história da arquitetura, sistemas, urbanismo e afins. A partir do terceiro ano, o aluno vai fazendo as matérias paralelas mas, no ateliê, ele passa a fazer parte de uma equipe. Essa equipe é liderada por um aluno do quinto ano, que está se formando, e reúne alunos de terceiro, quarto e quinto anos. A grande novidade da Escola de Talca é que o aluno de quinto ano tem que construir o seu projeto de graduação e, se não construir, não recebe o diploma. Consequentemente, claro, eles não projetam centros culturais, nem outros grandes edifícios, mas uma cobertura na frente do hospital da cidade para proteger as pessoas que estão na fila, um mirante no alto de um morro onde as pessoas costumam caminhar, uma plataforma acessível para cadeiras de rodas no mercado de frutas, etc. Os projetos são pequenos, mas são lindos e muito bem executados. Além disso, priorizam o trabalho em equipe desde o terceiro ano do curso. O aluno que entra no terceiro ano é o estagiário que vai fazer os desenhos base, procurar descobrir o preço de alguma coisa, ajudar a fazer o orçamento e a carregar os materiais no canteiro. Com o passar do tempo, ele vai subindo de posto na equipe – que é continuamente recomposta – e, quando chega ao quinto ano, ele estará em condições de liderar uma equipe de cinco alunos que vai ajudá-lo a construir o seu projeto. Eu acho essa metodologia sensacional e os projetos são lindos.

Algo que às vezes me incomoda no Sul Global é que os projetos de extensão universitária desenvolvidos para áreas pobres são, eles mesmos, pobres. Usam-se pneus para fazer muros de arrimo ou para requalificar uma pracinha. Os materiais são, em geral, muito básicos, a própria ideia de composição e colocação dos materiais é muito primária, e os projetos são os mais baratos possíveis. A Escola de Talca consegue perverter isso. Os projetos estão profundamente inseridos na comunidade, e vem daí uma parcela do sucesso da escola. A prefeitura doa materiais, o dono da serraria cede um pouco de madeira, o dono da loja de materiais de construção doa as pedras, e assim eles vão fazendo projetos que constituem pequenas *follies*, para usar uma ideia do Bernard Tschumi. A cidade está pontuada com essas pequenas *follies*, pequenas arquiteturas.

Uma diferença importante em relação à escola de Valparaíso é que os trabalhos permanecem na cidade, porque em Valparaíso abandonam-se os trabalhos. Valparaíso não acredita no objeto arquitetônico, vamos colocar assim, mas acredita no ato de construir. Lá, eles canibalizam os próprios projetos. De um ano para o outro, os alunos vão a Ritoque – a área da escola destinada à experimentação construtiva – e retiram materiais. Ritoque é cheia de ruínas. E Ritoque não é habitada, parecendo-se a um parque de diversão de arquitetos. Talca tem a vantagem de ser uma cidade de baixíssima densidade, uma cidade rural e pequena, onde os trabalhos estão inseridos na vida quotidiana das pessoas. Entretanto, este projeto é muito recente e eu não sei como a escola estará daqui a dez anos ou quando o Juan Román se aposentar, visto que a liderança dele é muito importante. Várias são as interrogações em relação ao futuro, mas, hoje, me parece ser a escola mais interessante das Américas.

Marcelo Tramontano: Fernando, para finalizar a nossa conversa, queremos fazer a você uma pergunta que fazemos a todos os entrevistados da VIRUS. A partir de tudo o que discutimos aqui, o futuro lhe parece promissor?

Fernando Lara: Eu acho que pode-se ver o copo meio vazio e o copo meio cheio, em uma proporção de 50/50. É esta a minha resposta à sua pergunta. Pelo copo meio vazio, é fácil explicar. Estamos vivendo um momento de ressurgimento da extrema direita, de censura e esvaziamento das questões da universidade. Aqui nos Estados Unidos, a questão da censura é muito forte, o Brasil passou por quatro anos de Bolsonaro, a Argentina vai ter anos de Milei, os Estados Unidos passaram por quatro anos de Trump e a chance dele voltar é enorme. Acho que nos tocou viver em um tempo reacionário. Neste sentido, o copo está meio vazio. Eu não vejo a arquitetura preparada para ser propositiva, para liderar os debates necessários. Eu vejo a arquitetura muito a reboque de todas essas questões. Pelo lado do copo meio cheio, vejo a expansão da ideia de arquitetura para além da elite. Uma profissão e um campo disciplinar que sempre foram muito elitistas estão finalmente discutindo o seu próprio elitismo. Algumas nações e sociedades estão trabalhando contra este elitismo, trazendo uma comunidade mais diversa para dentro da arquitetura, mesmo que, em outros lugares, isso ainda seja difícil. No caso europeu ou no caso das universidades de elite norte-americanas, temos, pelo menos, discutido a questão e denunciado esse elitismo. Por esse lado, eu vejo o copo meio cheio.

Também percebo que vem aí mais uma revolução digital que vai chacoalhar as bases da arquitetura, que é a questão da Inteligência Artificial produzindo imagens. Através de Inteligência Artificial, já estão sendo produzidas imagens super poderosas. Daí para se produzirem projetos inteiros é um passo muito pequeno. Acho que estes desenvolvimentos vão forçar a disciplina da arquitetura a se repensar. Qual será a nossa contribuição neste novo cenário? Desenhar projetos que obedecem os códigos edilícios será, daqui a dez anos, uma tarefa realizada pelo Chat GPT e não por quem tem um diploma de arquiteto. Para estes, qual contribuição vamos propor? Há uma pequena esperança de que a arquitetura volte a ser propositiva, porque temos este poder e esta responsabilidade. Conseguimos, melhor do que várias outras disciplinas, desenhar o futuro. O cinema consegue colocar uma ideia de futuro, mas nós traduzimos a ideia de futuro em projetos implementáveis. Ancoramos imagens de futuro a questões reais. Tenho esperança de que a disciplina da Arquitetura comece realmente a desenhar cidades sem automóveis, cidades inclusivas que consigam diminuir a emissão de carbono, que consigam abarcar diversas maneiras de habitar, distintas do projeto moderno, o qual demole as áreas autoconstruídas para implantar conjuntos habitacionais que visam ensinar as pessoas a como viver.

Espero que as ferramentas digitais sirvam para empoderar as pessoas em geral e que elas possam alcançar melhores espaços de vida. Mas também há uma grande chance de que o uso dessas ferramentas sirva para promover mais elitismo e mais gentrificação. Eu não consigo ver vantagem em nenhum dos lados e me encontro bastante pessimista. Como todas as eleições no mundo, nos últimos anos, se resolvem com 51% para um lado e 49% para o outro, eu acho que, neste caso, o capital e as grandes empresas de tecnologia estão com 51% e os movimentos sociais empoderadores estão com 49%. Como virar este jogo constitui uma questão fundamental que precisamos enfrentar.